



Conhecimentos dos profissionais de saúde sobre o uso e orientação de indicações terapêuticas sobre as plantas medicinais

Knowledge of health professionals about the use and orientation of therapeutic indications on medicinal plants

Conocimiento de los profesionales sanitarios sobre el uso y orientación de las indicaciones terapéuticas sobre plantas medicinales

Kristiane Alves Araújo¹, Ana Paula Barbosa Alves¹, Maxim Repetto¹, Juliana Pontes Soares¹.

RESUMO

Objetivo: Compreender a percepção dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre a inserção da Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) em dois bairros de uma cidade do estado Roraima. **Métodos:** Tratou de um estudo descritivo, exploratório, cujos referenciais metodológicos decorrem dos princípios da pesquisa qualitativa. Os participantes do estudo foram profissionais de saúde (n=20) das UBS. **Resultados:** Os participantes da pesquisa reconhecem a relevância da implantação da política das plantas medicinais e fitoterapia nas práticas e cuidados de atenção primária à saúde. Acreditam que seus conhecimentos não são suficientes para a correta prescrição e/ou orientação de fitoterápicos aos usuários; não tiveram em sua maioria na graduação uma disciplina ou módulo com abordagem a Fitoterapia, a maior parte percebe a fitoterapia como uma prática de saúde importante e veem como fator de dificuldade na implantação a questão do desconhecimento dos profissionais de saúde. **Conclusão:** Os profissionais de saúde precisam ter apoio para capacitação das Secretarias de Saúde Municipais e Estaduais para desenvolver projetos de fitoterapia na Atenção Primária em Saúde para prestar uma assistência com excelência e melhorar a qualidade dos seus usuários.

Palavras-chave: Qualidade de vida, Processo Saúde-Doença, Sistema Único de Saúde, Atenção Primária à Saúde, Fitoterapia.

ABSTRACT

Objective: To understand the perception of Primary Health Care professionals about the insertion of Phytotherapy in the Unified Health System (SUS) in Basic Health Units (UBS) in two neighborhoods of a city in the state of Roraima. **Methods:** It was a descriptive, exploratory study, whose methodological references derive from the principles of qualitative research. Study participants were health professionals (n=20) from the UBS. **Results:** The research participants recognize the importance of implementing the policy on medicinal plants and phytotherapy in primary health care practices and care. They believe that their knowledge is not enough for the correct prescription and/or guidance of herbal medicines to users; Most of them did not have a discipline or module with an approach to Phytotherapy at graduation, most perceive Phytotherapy as an important health practice and see the lack of knowledge on the part of health professionals as a factor of difficulty in its implementation. **Conclusion:** Health professionals need support to train Municipal and State Health Departments to develop phytotherapy projects in Primary Health Care to provide excellent care and improve the quality of their users.

Keywords: Quality of life, Health-Disease Process, Unified Health System, Primary Health Care.

¹ Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – RR.

RESUMEN

Objetivo: Comprender la percepción de los profesionales de la Atención Primaria de Salud sobre la inserción de la Fitoterapia en el Sistema Único de Salud (SUS) en Unidades Básicas de Salud (UBS) en dos barrios de una ciudad del estado de Roraima. **Métodos:** Fue un estudio descriptivo, exploratorio, cuyos referentes metodológicos derivan de los principios de la investigación cualitativa. Los participantes del estudio fueron profesionales de la salud (n=20) de la UBS. **Resultados:** Los participantes de la investigación reconocen la importancia de implementar la política sobre plantas medicinales y fitoterapia en las prácticas y cuidados de la atención primaria de salud. Consideran que su conocimiento no es suficiente para la correcta prescripción y/o orientación de los medicamentos herbolarios a los usuarios; La mayoría no contaba con una disciplina o módulo con enfoque de Fitoterapia al egresar, la mayoría percibe la Fitoterapia como una práctica importante en salud y ve la falta de conocimiento por parte de los profesionales de la salud como un factor de dificultad en su implementación. **Conclusión:** Los profesionales de la salud necesitan apoyo para capacitar a las Secretarías de Salud Municipales y Estatales para desarrollar proyectos de fitoterapia en la Atención Primaria de Salud para brindar una atención de excelencia y mejorar la calidad de sus usuarios.

Palabras clave: Calidad de vida, Proceso Salud-Enfermedad, Sistema Único de Salud, Atención Primaria de Salud.

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi instituída por meio da Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006, que tem o propósito fomentar a prevenção de agravos, a promoção e recuperação da saúde, privilegiando a Atenção Primária como porta de entrada e cuidado contínuo, humanizado, e integral em saúde. A PNPIC primeiramente, estabeleceu as diretrizes e responsabilidades institucionais para os serviços referentes a homeopatia, a medicina tradicional chinesa/acupuntura, medicina antroposófica, termalismo social/crenoterapia, e finalmente as plantas medicinais e a fitoterapia (ALMEIDA JR, et al., 2018; BRASIL MS, 2015).

O governo brasileiro, por meio do seu Ministério da Saúde estabeleceu as diretrizes da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos com o propósito de normatizar sua utilização nesses processos e promover a qualidade de vida para os brasileiros. (BRASIL MS, 2006). Assim, observou-se um crescimento nas ações e serviços de saúde realizadas no âmbito do Sistema Único de Saúde. Importante lembrar que a maioria dos brasileiros e suas populações tradicionais já utilizam a fitoterapia e os benefícios das plantas medicinais para seus problemas e necessidades de saúde na busca de seu bem-viver. Prática que na maioria das vezes é herdada de geração em geração (RIBEIRO LHL, 2019).

O estudo de Almeida JR, et al. (2018) vem corroborar ao afirmar que esse aumento pela procura de formas alternativa de cuidado no campo das práticas integrativas e complementares pelos usuários dos serviços para prevenir doenças e promover saúde, demonstram o fortalecimento do sistema público de saúde brasileiro vigente. Mas, também expressa a busca por cuidados integrais e humanizados.

Este estudo busca discutir sobre o conhecimento de gestores e profissionais de saúde que trabalham na Atenção Primária do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil sobre práticas integrativas e complementares em saúde, com ênfase no uso e orientação de plantas medicinais e a fitoterapia. Portanto, este estudo apresenta uma alta relevância pois busca fortalecer o SUS e provocar uma reflexão nos leitores sobre a importância da prática do uso práticas integrativas e complementares, principalmente no que concerne ao uso das plantas medicinais e a fitoterapia e como elas podem estar presentes na práxis dos profissionais da Atenção Primária em Saúde para a oferta de uma assistência de qualidade aos seus usuários das Atenção Básica.

Diante do exposto, este estudo questiona: qual é o olhar dos profissionais de saúde sobre o uso de plantas medicinais e da fitoterapia? Deste modo, o presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento e as percepções dos profissionais de saúde que atendem nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) sobre o uso e orientação de indicações terapêuticas sobre as plantas medicinais e a fitoterapia à comunidade, e como acontece a articulação dessas práticas e saberes entre os usuários e os profissionais de saúde.

MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa. O estudo utilizou duas estratégias metodológicas para coleta de dados, típicas das investigações qualitativas: a observação participante e a entrevista semiestruturada. Assim, foi desenvolvida em uma cidade do estado de Roraima, realizado em duas Unidades Básicas de Saúde no período de setembro de 2017 a fevereiro de 2018. Os critérios de inclusão foram os seguintes: profissionais de saúde podendo ser de nível técnico ou superior, lotados em uma das duas UBS dos bairros supracitados, acima de 18 anos, cognição preservada. Foram excluídos da pesquisa aqueles que não estivessem em conformidade com pelo menos um dos subitens acima.

Foi realizado um levantamento incluindo gestores e profissionais de saúde num total de 20 indivíduos (n=20) abordando os conhecimentos e percepções sobre a implantação da fitoterapia no SUS, mais precisamente na UBS em que trabalham. Com base nestas informações, realizou-se uma análise comparativa sobre o que os profissionais orientam e indicam e o que os moradores desses bairros fazem uso para o tratamento da *Diabetes Mellitus* (DM) tipo 2.

Seguindo Minayo MCS (2014), a escolha do grupo entrevistado nesta pesquisa, levou em consideração uma amostra que representasse a universalidade das diversas facetas do objeto de estudo a fim de atender os seus objetivos. Foram realizadas 20 entrevistas, com duração média de 30 minutos, o primeiro contato foi realizado nas instalações da instituição em que trabalhavam os entrevistados.

O registro das respostas dos participantes do estudo deu-se por meio de um gravador, para facilitar a transcrição. Assim sendo, a definição da quantidade de entrevistados ocorreu a partir do critério da saturação, em que se esgota totalmente a possibilidade de retirar respostas diferentes dos participantes de estudo, visto que as mesmas começam a se repetir e não ser mais significativas para o estudo.

O ponto de saturação, ou seja, o momento em que se cessa a inclusão de entrevistados é determinado pelo pesquisador, quando se tornam recorrentes as informações das entrevistas. Os elementos informados relacionados aos últimos participantes da pesquisa limitadamente somariam aos argumentos já adquiridos, não mais colaborando de forma expressiva no aprimoramento da reflexão teórica baseada nos subsídios que estão sendo coletados (NASCIMENTO LCN, et al., 2018). A pesquisa não ofereceu nenhum risco previsível e nenhum benefício imediato a qualquer participante. Porém, tem-se como expectativa que os resultados impliquem em reflexões, debates e a motivação dos profissionais de saúde vinculados a APS para a importância de buscar conhecimentos sobre as plantas medicinais de seu território e a fitoterapia, o que poderá reverberar em uma assistência à saúde efetiva aos seus usuários.

Os resultados das entrevistas foram submetidos à técnica de análise temática de conteúdo proposta por Minayo MCS (2014), que tem como objetivo, por meio das leituras dos conteúdos dos materiais obtidos, conseguir uma codificação fluente. Esta técnica é um dos gêneros da metodologia de análise de conteúdo de Bardin L (2016). O processo de categorização ocorreu da seguinte maneira: inicialmente ocorre a exploração do material, após a apreensão das unidades temáticas, estas foram classificadas e reagrupadas a fim de se definirem e constituírem categorias. Segundo Minayo MCS (2014), as categorias temáticas são procedimentos ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Assim, elegeu-se as categorias temáticas, que exteriorizam os significados que possivelmente manifestaram elementos essenciais sobre o objeto de pesquisa estudado.

O estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Roraima (CEP/UFRR, seguindo as normas do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (MS) explicitadas na resolução no. 466 de 12 de dezembro de 2012, que recebeu o parecer de aprovado, no: 2.288.847, em 21/09/2017, com a CAAE de nº: 76185317.7.0000.5302. Este estudo é um desdobramento do terceiro capítulo da Tese de doutorado intitulada Conhecimento local e o uso de plantas medicinais em Boa Vista/Roraima: novas estratégias em saúde coletiva defendida em: outubro/2018, pelo Programa de Pós-Graduação Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia - Rede Bionorte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise, interpretação e discussão dos dados, emergiram duas categorias temáticas, sendo estas: Categoria 1 – Conhecimentos sobre a Prática da Fitoterapia; Categoria 2 – Competências para atuação em Fitoterapia. Por fim, foram relacionados os dados obtidos com o referencial teórico adotado, no sentido de se apreender a percepção dos sujeitos da pesquisa frente à fitoterapia no SUS. Realizou-se primeiramente uma caracterização dos participantes da pesquisa, a partir das seguintes variáveis: idade; sexo; profissão; tempo/experiência média na Unidade Básica de Saúde UBS), Estratégia Saúde da Família (ESF) ou Núcleo Apoio à Saúde da Família (NASF) e se recebeu capacitação sobre o uso de fitoterapia.

O estudo foi composto por 20 profissionais, com idade entre 25 a 60 anos, sendo oito do sexo masculino e doze do sexo feminino. Quanto a profissão, estão representados por: oito (8) enfermeiros, um (1) técnico em enfermagem, um (1) fisioterapeuta, dois (2) médicos, uma (1) assistente social, uma (1) nutricionista, um (1) psicólogo, um (1) cirurgião dentista, dois (4) gestores em saúde. Em relação ao tempo em que estão atuando na UBS ou na ESF/NASF, foi bem diversificado variando de no mínimo de um mês, seis meses, um ano, cinco anos, seis anos, dez anos, quatorze anos de experiência.

Quanto a possuírem capacitação de trabalho sobre o uso de Fitoterapia: a maioria afirmou que não, só dois participantes expressaram que haviam realizado uma capacitação sobre a temática, já há algum tempo em 2012, com conhecedoras locais que vieram trabalhar voluntariamente na medicina tradicional, e que já há um tempo não existe mais.

Categoria 1 – Conhecimentos sobre a Prática da Fitoterapia

Esta categoria aborda os significados que são atribuídos pelos profissionais de saúde sobre os conhecimentos básicos da prática da fitoterapia. Quando questionados sobre se já ouviram falar sobre Fitoterapia, foram mencionadas as seguintes respostas: todos disseram que ouviram falar, mas que alguns tinham desconhecimento sobre o uso, apenas dois falaram saber orientar. Entretanto, pôde-se perceber que existiam profissionais que não possuíam uma opinião formada sobre a fitoterapia, ou que não acreditavam no seu poder de cura ou de ser complementar a um outro cuidado, conforme as falas a seguir:

“Eu me formei há muitos anos, e não discutia isso em sala de aula. Talvez hoje exista. Sei que existe cursos online, tenho interesse, mas não tenho tempo. Vez ou outra um usuário comenta sobre o uso caseiro e pede opinião.” (E8)

Em estudo semelhante realizado com médicos no estado do Rio Grande do Sul (FONTENELE RP, et al., 2013) trazem dados que corroboram esta realidade (77,8% de uso). Um grande percentual de trabalhadores da área da saúde utiliza plantas medicinais e/ou fitoterápicos, mesmo que (90%) durante a graduação não tenham tido nenhum componente curricular relacionado ao uso das mesmas, e o restante 10% tiveram de forma bem simples, sem discutir aprofundado sobre o seu uso e contraindicações, e em sua maioria dentro da disciplina Terapias Alternativas ou Práticas integrativas e complementares. Nóbrega JS, et al. (2017) ressaltam a importância do conhecimento etnobotânico, tendo em vista a imensurável relevância medicinal que as plantas ofertam para os cuidados à saúde humana.

Contudo, os dados analisados na pesquisa mostram que mesmo os que tiveram algum assunto relacionado com as plantas medicinais durante a graduação, esse conhecimento não aconteceu através de algum conteúdo dentro da ementa do curso de graduação. Fontenele RP, et al. (2013). Sobre a formação acadêmica e profissional em Fitoterapia, a diversidade de formações acadêmicas dos gestores e profissionais em saúde, traz consigo implicações também diversas em suas construções sociais, experiências, modo de pensar e refletir sobre a realidade.

A prática da fitoterapia nos serviços de Atenção Primária pelo SUS é percebido como favorável na visão de vários profissionais da saúde que atuam nesse nível de atenção. Assim, a necessidade de qualificação é uma realidade, pois a maioria das graduações em saúde não oferece um aprofundamento em Fitoterapia, o que faz com que estes profissionais depois de formados busquem capacitações para qualificar a sua prática. O que podemos retificar no estudo de Barreto BB e Vieira RCPA (2015).

Ao consolidar os dados, 80% dos participantes da pesquisa disseram que o conhecimento sobre o uso da fitoterapia foi aprimorado nas suas vivências com os mais velhos, principalmente dentro da casa dos pais e avós, declarando haver a necessidade de aprimoramento através de uma capacitação ou curso de treinamento de atualização. Achados semelhantes apareceram no estudo de Bastos RAA e Lopes MAC (2010), em que dos 15 Enfermeiros entrevistados, quando se perguntou sobre o conhecimento formal que esses profissionais tinham sobre a Fitoterapia, teve um predomínio dos que não tinham conhecimento formal, 60%, em contraposição a 40% que afirmou ter conhecimento.

Dessa forma, poder-se-ia esperar nessa pesquisa em Boa Vista-RR, posicionamentos e conhecimentos diversos sobre a fitoterapia, entre os participantes do estudo, desde os conceitos, usos, indicações, parte utilizada e contraindicações. Esses achados confirmam a assertiva de que o uso de plantas medicinais é muito comum entre as populações na região Amazônica, e como afirma o estudo de Fernandes AC, et al. (2020) em que relatam que o território Amazônico é rico por sua biodiversidade natural e pela diversidade de povos que mantêm seus modos de vida e sua identidade. A maioria utiliza os recursos naturais, como por exemplo, as plantas para o cuidado em saúde.

Achados semelhantes apareceram no estudo de Barreto BB e Vieira RCPA (2015), em que profissionais da saúde entrevistados, quando se perguntou sobre o conhecimento formal que esses profissionais tinham sobre a Fitoterapia, teve um predomínio dos que não tinham conhecimento formal, 60%, em contraposição a 40% que afirmou ter conhecimento.

Segundo Santos JAA, et al. (2016), o uso de plantas medicinais está relacionado aos costumes tradicionais e o modo de viver das pessoas, desde a antiguidade até o momento atual, que constitui um importante campo gerador do conhecimento etnobotânico, o qual permite avaliar a relação entre o homem e as plantas medicinais, permitindo a descoberta de compostos com ações farmacológicas e aplicações terapêuticas, compartilhando os saberes populares e científicos (COSTA NC, et al., 2019).

Quando questionados sobre o conhecimento adquirido em relação à Fitoterapia, 20% (3 citações) afirmaram que adquiriram informações sobre essa terapia em cursos de capacitação, 6,66% (1 citação) em disciplina da graduação, 6,66 (1 citação) em seu trabalho, 6,66% (1 citação) respondeu ter adquirido esse conhecimento através de outros meios como usuários, revistas, jornais e livros, enquanto, 60% (9 citações) referiu não ter um conhecimento formalizado sobre Fitoterapia.

“Eu por exemplo, faço uso pessoal de fitoterápicos e às vezes de plantas. E muitas das indicações vem dos usuários daqui do posto, moradores da comunidade, e tenho bons resultados (E4)”.

“Sei que existe o uso das plantas medicinais, mas não sei na realidade os seus efeitos e contraindicação. Então, prefiro não opinar quando me perguntam” (E7).

Na pesquisa realizada em Boa Vista/RR (ARAÚJO KA, 2018), sobre já terem realizado algum curso de educação permanente ou continuada sobre fitoterápicos apenas 4 dos entrevistados afirmaram possuir contato ou conhecimento da existência de normatizações envolvendo fitoterapia.

Entre os contatos citados, destaca-se o relato de participações em seminários do Ministério da Saúde sobre práticas integrativas e complementares, onde foi apresentado a PNPIC, e à Portaria nº 2.982/2009 (BRASIL MS, 2009), e várias experiências de outras localidades. Tendo da amostra 80% disseram não ter tido contato algum e 20% relataram que sim.

“Já participei há alguns anos de um curso sobre plantas medicinais no meu outro serviço, que era em outro estado do Nordeste, lá sim, tínhamos muitas capacitações, inclusive sobre uso de fitoterápicos e acompanhamento dos pacientes” (E2).

Desta forma, os profissionais de saúde da ESF e NASF entrevistados têm pouca experiência sobre a indicação aos usuários do uso de plantas medicinais e/ou fitoterápicos; mesmo sem muito conhecimento, utilizam e não possuem o hábito de conversar sobre essa prática (ARAÚJO KAA, 2018).

É necessário que os cursos de graduação de saúde orientados pelo saber da biomedicina, busquem abordar na formação acadêmica dos futuros profissionais às práticas instituídas pela PNPIC (BRASIL MS, 2015).

Deste modo, os profissionais médicos já tendo conhecimento sobre essas práticas ainda na formação acadêmica podem ser potencializadores dessas terapêuticas nos serviços, principalmente no nível de APS (BARRETO BB e VIEIRA RCPA, 2015). Os estudos de Costa NC, et al. (2019) corroboram que a fitoterapia no Brasil precisa ser estudada de forma mais efetiva nos cursos superiores de saúde, principalmente na formação médica.

Categoria 2 – Competências para atuação em Fitoterapia

Esta categoria versa o entendimento dos profissionais de saúde acerca da inserção da fitoterapia no SUS e quais são os conhecimentos suficientes para orientação e/ou prescrição adequadas? Diante da percepção dos profissionais de saúde, foram evidenciadas visões diferenciadas, sendo possível a partir dessas conhecer suas experiências em relação a realidade do trabalho na UBS, verificando uma preocupação com os conhecimentos científicos e com a qualidade na atenção, e principalmente contra-indicação e interação medicamentosa, como ilustra os depoimentos a seguir:

Os participantes do estudo disseram em sua minoria (20%) que conversam sobre o uso de plantas medicinais. O restante (80%) disseram não falar sobre o assunto com seus usuários, visto não saberem sobre o assunto ou não acreditarem; já outros entrevistados falaram do receio do paciente de abandonar os medicamentos por causa da sua indicação.

“Não tenho conhecimento das indicações e nem das contra-indicações, e seria irresponsável da minha parte realizar algo sem conhecimento”. (E1).

“No meu curso de fisioterapia tive introdução a terapias complementares, mas pouco se falou a respeito de plantas medicinais, com uma carga horária bem curta, assim, não me sinto confiante em conversar profissionalmente sobre o assunto e muito menos indicar. Precisamos de qualificação (E15).

Apesar do pequeno percentual de orientação e interesse sobre fitoterapia, esses poucos profissionais (n=4) justificam suas escolhas e opiniões por acreditarem na aplicabilidade e nos resultados do uso das plantas medicinais.

“Eu acredito muito no poder de cura das plantas, e converso com os meus pacientes. Mas já ouvi de alguns que não conversam com alguns médicos e/ ou enfermeiros, por vergonha ou medo de não acreditarem “. (E9).

“As pessoas daqui do bairro acreditam, usam, falam sobre as plantas, cultivam em quintais e usam bastante, sempre aparecem perguntando alguma coisa sobre o assunto” (E5).

Desta forma, os profissionais de saúde da ESF e NASF entrevistados têm pouco conhecimento da utilização de plantas medicinais e/ou fitoterápicos pela comunidade atendida; fazem uso pessoal da fitoterapia e não possuem em sua maioria o hábito de orientar e perguntar sobre esta prática, mesmo que esporadicamente, e alguns não acreditam que tenham competências e no poder de cura das plantas.

É notória a mudança de pensamento e aceitação da medicina alternativa em diversos estados brasileiros, inclusive com Universidades, oferecendo cursos de pós-graduação, que abordam a importância das plantas medicinais na cura de diversas doenças. Esses dados corroboram com os encontrados no presente estudo, em que a classe médica apresentou aumento do interesse pelo tema, o que requer mudanças na sua formação acadêmica, para que haja maior adesão à PNPIC (BARRETO BB e VIEIRA RCPA, 2015).

“É importante o conhecimento sobre plantas medicinais, a qualificação dos profissionais para conseguirem desenvolver atenderem com a indicação da Fito na UBS”. (E2).

“O principal desafio hoje é ter profissionais capacitados e que queiram e acreditem no poder de cura das plantas medicinais, e um local com boa estrutura”. (E20).

Aleluia CM, et al. (2015) corroboram com sua pesquisa sobre o uso de “Fitoterápicos na Odontologia” em que afirmam que estudos falam sobre os resultados positivos do uso da fitoterapia ao comparar com a utilização de medicamentos.

Em um estudo de revisão bibliográfica, que objetivava apresentar a potência de algumas espécies de plantas medicinais empregadas para a terapêutica de infecções bucais, encontrou que algumas espécies de plantas especificadas na pesquisa podem corretamente serem utilizadas no tratamento dessas doenças, em que são fácil acesso e de baixo custo, em relação as medicações alopáticas produzidas pela indústria farmacêuticas (DE SOUSA TJD, et al., 2020).

A maioria dos participantes não possuíam experiência de trabalho com o uso de plantas medicinais, e em relação aos conhecimentos sobre os usos das mesmas apresentavam uma compreensão muito restrita, não sabiam responder ou construir uma opinião sobre o tema, a respeito da sua eficácia.

A partir das falas dos profissionais, se verificou que eles conhecem algumas características sobre as práticas de cuidado com plantas medicinais, como por exemplo, para uso próprio e caseiro, alguns relataram utilizar. No entanto, não faziam relação desses aspectos, para embasar atitudes e comportamentos em suas práticas assistenciais de saúde, e nem se sentiam competentes para realizar a indicação.

CONCLUSÃO

Os participantes do estudo acreditam no uso da fitoterapia e das plantas medicinais e admitem a importância de cursos para capacitá-los, e assim aceitam a implantação e/ou implementação da política da fitoterapia e plantas medicinais, reforçando a importância de conhecer para poder prescrever com cautela e cuidados necessários. A maioria dos entrevistados não tiveram formação na graduação sobre o assunto e tão pouco conhecem as políticas. Os gestores afirmaram ter a necessidade de discutir mais sobre esse assunto e inserir urgente nas UBS dos bairros do estudo do estado de Roraima; ressaltaram as dificuldades, mas afirmaram ter consciência da necessidade de ampliação das ofertas de cuidado na Atenção Primária à Saúde.

REFERÊNCIAS

1. ALELUIA CM, et al. Fitoterápicos na odontologia. Rev. Odontol. Univ. Cid. São Paulo, 2015; 27(2): 126 – 34.
2. ALMEIDA JR, et al. O enfermeiro frente às práticas integrativas e complementares em saúde na estratégia de saúde da família. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2018; 18: e77.
3. ALVES APB, et al. Conhecimentos de profissionais de saúde sobre o princípio da atenção diferenciada aos povos indígenas. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020; 12: e4631.
4. ARAÚJO KAA. Conhecimento local e o uso de plantas medicinais em Boa Vista/Roraima: novas estratégias em saúde coletiva. 2018. Tese de Doutorado (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal - REDEBIONORTE) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018; 170p.
5. BARBOSA AS, et al. Uso de plantas medicinais nativas do cerrado pela população idosa da região oeste da Bahia: um estudo etnofarmacobotânico. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2023; 23(4): e13062.
6. BARDIN L. Análise de Conteúdo. São Paulo; Edições 70; 2016; 3ª reimpr. 1ª edição: 279.
7. BARRETO BB e VIEIRA RCPA. Percepção dos profissionais de saúde sobre a inserção da fitoterapia na Atenção Primária à Saúde. Revista de Atenção Primária à Saúde, 2015; 18(2): 191 – 198.
8. BASTOS RAA e LOPES AMC. A Fitoterapia na Rede Básica de Saúde: o Olhar da Enfermagem The Fitotherapy in the Basic Net of Health: the Glance of the Nursing. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, 2010; 14(2): 21-28.
9. BRASIL MS. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015; 96 p.

10. BRASIL MS. Portaria nº 2.982 de 26 de novembro de 2009.
11. BRASIL MS. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p.
12. COSTA NC, et al. Fitoterápicos na atenção primária à saúde: desafios e perspectivas na atuação médica no SUS. *Rev Fitos*, 2019.
13. COSTA IM, et al. Uso de Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção primária á saúde: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2019; 26: e828.
14. DE SOUSA TJD, et al. O uso de plantas medicinais em infecções bucais: uma alternativa eficaz. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020, 13(4): e6880.
15. FERNANDES AC, et al. Prática de campo em saúde das populações amazônicas: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020, 48: e3242.
16. FONTENELE RP, et al. Fitoterapia na atenção básica: olhares dos gestores e profissionais da estratégia saúde da família (ESF) de Teresina-Piauí-Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2013; 18(8).
17. MINAYO MCS. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo; Hucitec; 2014; 14: 407.
18. MINAYO MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Cienc. saúde coletiva*, 2012; 17(3): 621-626.
19. NASCIMENTO LCN, et al. Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. *Rev Bras Enferm.*, 2018; 71(1): 243-8.
20. NÓBREGA JS, et al. Avaliação do conhecimento etnobotânico e popular sobre o uso de plantas medicinais junto a alunos de graduação. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental*, 2017; 11(1): 7.
21. SANTOS JAA, et al. Diagnóstico e Educação em Saúde no Uso de Plantas Mediciniais: Relato de Experiência. *Revista Ciência em Extensão*, 2016; 12(4): 183-196.
22. RIBEIRO LHL. Análise dos programas de plantas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(5): 1733-1742.
23. VIEIRA DS, et al. Plantas medicinais como proposta de intervenção na educação ambiental à luz da legislação vigente. *Educação Ambiental em Ação*, 2017; XVI(61): 1-8.